

O BRASIL A PARTIR DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE: IMAGENS DE UMA COMUNIDADE IMAGINADA

Eduardo Yuji Yamamoto¹
Julia Frank de Moura²

RESUMO

O presente texto busca reconstruir uma imagem de Brasil a partir de uma Análise de Discurso (AD) do Movimento Brasil Livre (MBL). Para isso, são investigados um conjunto de vídeos desse coletivo publicados em seu primeiro ano de existência no YouTube. O trabalho é amparado pelos aportes teóricos e conceituais de Benedict Anderson (comunidades imaginadas) e Eric Hobsbawm (nação e nacionalismo), além das ferramentas metodológicas para a AD propostas por Eni Orlandi. Após o levantamento e a sistematização de enunciados desse coletivo, são apresentadas duas regularidades discursivas (devir-EUA e retorno do macho) que, articuladas, produzem um sentido, qual seja, uma imagem ideal do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Nacionalismo. Redes Sociais Digitais. Análise de Discurso.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, alguns coletivos sociais brasileiros ganharam visibilidade no espaço público midiático, sobretudo a partir das campanhas pelo *impeachment* da presidente da República, Dilma Rousseff, entre os anos de 2015 e 2016. Tais coletivos chamaram a atenção, inclusive, de meios de comunicação internacionais devido a algumas particularidades, dentre elas: uma composição variada de seguidores, a identificação destes com lideranças jovens³; a disseminação de ideais de vida e propostas políticas através de redes sociais digitais e canais virtuais de comunicação como o Facebook, o YouTube, o Twitter e o Instagram; uma ampla rede de colaboradores cujas atividades vão desde a produção de vídeos em muitas localidades do país até a doação financeira e a venda de produtos que estampam suas motivações políticas.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/RJ). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Bauru/SP). Professor Adjunto B da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO/PR). E-mail: yujieduardo@gmail.com.

² Bacharel em Comunicação pela Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: juliafdmoura@gmail.com.

³ Entende-se por jovem as pessoas entre 15 e 29 anos de idade, conforme a lei de 05 de agosto de 2013 do Estatuto da juventude. Em 2016, Kim Kataguirí e Fernando Holiday, as lideranças mais populares do MBL, possuem 20 anos. Ainda em 2016, Holiday, apesar de assumir-se apartidário, elegeu-se vereador da cidade de São Paulo pelo partido Democrata (DEM) com 48.055 votos. Kataguirí foi eleito pela revista norte-americana *Time* como um dos trinta jovens mais influentes do mundo (THE 30 MOST..., 2015).

Um dos coletivos emergentes, e que será objeto da presente investigação, é o Movimento Brasil Livre (MBL). Surgido no final de 2014, em menos de um ano, esse coletivo alcançou seguidores em quase todos os estados brasileiros utilizando-se de plataformas e redes sociais digitais para se conectar com seus apoiadores. Apesar do MBL se autodenominar apartidário, neutro e defensor da liberdade e das riquezas do país, uma análise prévia sobre seus enunciados transparece objetivos claros: acabar com o Partido dos Trabalhadores (PT), viabilizar a prisão do ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, diminuir a ação do Estado sobre a vida social, entre outros.

Se esses objetivos sobrevivem de maneira explícita em suas falas, em camadas mais profundas de significação é possível identificar ideias implícitas, embora não menos importantes, como é o caso da imagem de Brasil que esse coletivo gesta em seu discurso, uma imagem daquilo que o país poderia ou deveria ser.

A escolha do MBL como objeto de análise, mas, principalmente, a escolha deste problema investigativo – a imagem de Brasil elaborada pelo MBL – deve-se tanto ao crescente número de apoiadores, de visualizações e compartilhamento de vídeos produzidos pelo coletivo, quanto à aprovação ou consentimento das ideias desse junto ao público jovem. Como estudos recentes têm indicado (SCARTEZINI, 2016), a participação nesses coletivos de jovens de classe média e pessoas com status de formadores de opinião na sociedade assinala um tipo político que poderá definir, posteriormente, os rumos da sociedade brasileira. Portanto, compreender as imagens elaboradas pelo MBL dá uma dimensão do tipo de sociedade que esses jovens perseveram.

Grupos como ‘Vem pra Rua’, ‘Movimento Brasil Livre’ e ‘Revoltados Online’ lideraram todos os protestos antigoverno assumindo, literalmente, o vácuo deixado pelos movimentos e partidos de esquerda durante e após as manifestações de 2013. Liderados por jovens de classe média e alta e com alta instrução acadêmica, estes novos movimentos sociais representam com algum grau de precisão o perfil do manifestante dos protestos de 2015: homem, jovem, branco, classe média, ‘apartidário’ ou ‘suprapartidário’ e com um grau de politização bastante questionável (SCARTEZINI, 2016, p. 190).

Neste trabalho busca-se a imagem de Brasil construída discursivamente pelo MBL. Para isso, nas seções abaixo, são apresentados os conceitos de nação (HOBBSAWN, 2004) e comunidade imaginada (ANDERSON, 2003) enquanto dispositivos discursivos de agenciamento (de recursos materiais e humanos) modelizados pelo MBL como regime

narrativo existencial. A organização desse regime em regularidades enunciativas teve o objetivo de, por um lado, visualizar as modalidades discursivas que compõem o sentido de uma imagem e; por outro lado, verificar a dinâmica estruturante dos enunciados que se articulam no sentido. Nessa operação, utilizou-se os conceitos de “dito” (enunciado explícito) e “não dito” (o implícito ou subentendido) provenientes da Análise de Discurso, doravante AD (ORLANDI, 2002), a fim de extrair e sistematizar aquelas regularidades presentes nos vídeos produzidos pelo MBL.

O discurso do MBL que aqui se busca é o conjunto articulado dessas regularidades as quais se precipitam em uma imagem de Brasil.

2 NAÇÃO E NACIONALISMO

Em sua obra “Nações e Nacionalismo desde 1780”, Eric Hobsbawn (2004) observou a importância da definição de termos como nação e nacionalismo, argumentando a necessidade desses dois conceitos para a explicação de importantes fenômenos históricos globais dos séculos XIX e XX. Se a nação, como ele diz, possui diversas definições, e o vernáculo passou a ganhar diferentes significados conforme o tempo histórico em que era abordado, Hobsbawn a define enquanto dispositivo político identitário, ou seja, “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação” (HOBSEBAWN, 2004, p.18).

O autor lembra que essa palavra inexistia no vocabulário político europeu até a altura de 1830. Sua invenção recente seguia alguns preceitos políticos estabelecida a partir de necessidades históricas: o contingenciamento dos recursos naturais e humanos, a administração dos processos sociais internos e das políticas públicas, o crescimento e a dinamização da economia, entre outros.

Benedict Anderson segue uma linha semelhante de pensamento, pois define nação não como um fato objetivo, pressuposto desde sempre no homem e na sociedade, mas como construção discursiva, uma narrativa ficcional ou, mais precisamente, uma comunidade política imaginada, sendo ela limitada e soberana. Essa definição complementa a ideia de Hobsbawn pois confere a uma espacialidade humana o laço afetivo, fraternal, simbólico que se faltava às elaborações jurídicas e administrativas dos ordenamentos políticos. Para Anderson, uma nação é uma comunidade de diferentes membros vinculados

por um sentimento de “camaradagem horizontal” entre eles. Ela é imaginada porque muitos deles jamais se encontrarão, mas, mesmo assim, tem a certeza da reciprocidade e da coexistência dos irmãos (ANDERSON, 2003, p. 33).

As ideias de nação e comunidade imaginada, nesse sentido, suturam o grande enunciado de Estado às práticas discursivas da população. A noção de nacionalismo (ou dos projetos políticos nacionalistas) advém das condições históricas dadas por essa discursividade, capilarizando imagens, símbolos, sentimentos etc. no corpo social. Para Gellner (apud HOBBSBAWN, 2004, p.18), o nacionalismo é “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”.

Autores como Marilena Chauí (2000) seguem essa linha reflexiva definindo o nacionalismo como ideologia, ou seja, um sistema de ideias, representações, conceitos etc. que homogeneízam um corpo social fragmentado, atravessado por diferenças advindas da organização material da sociedade.

[...] cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiros, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identidade e a indivisibilidade nacionais (CHAUI, 2000, p. 07).

Para a autora, na história recente do Brasil, o nacionalismo tem sido evocado nos momentos em que se explicitam as diferenças de classe, ou seja, quando a divisão entre burguesia e classe trabalhadora ameaça instabilizar o tecido social e obstruir o fluxo da produção capitalista. A imagem da versão brasileira do nacionalismo, diz ela, é a do “Brasil Grande”, terra de recursos energéticos inesgotáveis, de um povo ordeiro e trabalhador, um país de tolerância religiosa e democracia racial que rumo para o progresso, mas depende da contribuição de todos: “O verdeamarelismo assegura que aqui não há lugar para a luta de classes e sim para a cooperação e a colaboração entre o capital e o trabalho, sob direção e vigilância do Estado” (IDEM, p. 38).

Tal imagem cumpre a função ideológica de organizar identitariamente o corpo social, definindo não apenas a posição social dos indivíduos, mas, principalmente, as condições e os lugares de fala de cada um – a separação entre os amigos e os inimigos, os que sabem e os

que não sabem, os que podem falar e os que devem se calar –, em outras palavras, determinando o roteiro e o escopo do sujeito brasileiro.

A atualização desse roteiro produz incorporações distintas em cada momento histórico. No caso do MBL, no recorte temporal que aqui se pretende, esse roteiro é definido a partir de duas linhas de força que reconstroem o discurso ideológico nacionalista, quais sejam, devir-EUA e retorno do macho, deduzidos a partir da incidência estrutural regular de seus enunciados.

3 METODOLOGIA

Eni Orlandi (2002, p. 15) define etimologicamente discurso como “palavra em movimento”. O estudo do discurso, diz a autora, não visa analisar a língua em si, a gramática, mas a língua fazendo sentido, produzindo efeitos de significação.

Analisando o discurso, é possível compreender não apenas os estruturantes sociais que preexistem em um determinado agrupamento humano e que influenciam a enunciação, mas também a dialética que constitui todo o processo, ou seja, a influência de fatos enunciativos (a produção de sentido, os efeitos de significação) sobre tais estruturantes.

A análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2002, p.15).

Estudar os enunciados, o modo como eles se articulam e produzem sentido, é também estudar esses estruturantes, já que “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2002, p. 17).

O fato desta investigação buscar não somente o conteúdo de um texto social a partir de determinantes como a ideologia, mas, principalmente, indicar o modo como tal texto produz sentido, determinaram a escolha da AD como delineador teórico-metodológico.

Para a análise das peças audiovisuais produzidas pelo MBL, a pertinência da AD deve-se ao interesse em se identificar a ideologia do coletivo e o efeito de sentido produzido por ele a partir das determinações sociais no recorte histórico em que esse está inserido. Essa ideologia articula-se produzindo efeito de sentido conforme a posição social do sujeito

enunciador, aquele que se coloca à frente da câmera para produzir enunciados. Tomando como pressuposto a observação de Guy Debord acerca da credibilidade de indivíduos na sociedade contemporânea – “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 16-17) –, pode-se afirmar que tal posição (de quem sabe e pode falar) foi conquistada após as jornadas de junho de 2013, evento que projetou nacionalmente o MBL como sujeito crível da enunciação. Para reiterar essa posição de prestígio no momento que esta análise é realizada – ano de 2016 –, é importante considerar também uma reportagem da revista norte-americana *Time* que elegeu um de seus líderes, Kim Katagui, como um dos jovens mais influentes no mundo em 2015, ao lado de personalidades como Sasha Obama (filha do presidente americano Barack Obama) e a paquistanesa Malala Yousafzai, conhecida por ser a mais nova vencedora do prêmio Nobel da paz e militante a favor da educação para meninas no Paquistão (THE 30 MOST..., 2015). Segundo a reportagem, essa posição de prestígio de Katagui deu-se pela campanha anti-governo e pela condução de, aproximadamente, 200 mil pessoas nas manifestações de rua na cidade de São Paulo a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff. Articulando a ideologia à posição enunciativa, é como se o MBL, figurado em enunciadores como Katagui, materializasse um anseio socio-histórico – esperava-se que alguém ocupasse essa posição, naquele momento específico, e dissesse o que ele disse.

Considerando a AD como processo de produção de sentido, compreende-se que o sentido não existe em si no discurso, na palavra dita, mas é determinado pelo contexto histórico e pelas posições ideológicas incorporadas à enunciação (ORLANDI, 2002, p. 42). Segundo Orlandi, a essa relação entre a produção de sentido, a posição e a ideologia de quem profere o discurso dá-se o nome de formação discursiva. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição socio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2002, p.43). Ou seja, o sentido do discurso é constituído a partir do momento em que aquilo que o sujeito diz está inserido em uma formação discursiva; se essa alterar-se, altera-se também o sentido do discurso.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações

ideológicas. Desse modo os discursos sempre são determinados ideologicamente (ORLANDI, 2002, p. 43).

Por mais que o coletivo autodefinha-se como apartidário, ele está inserido em uma formação discursiva (ou ideológica), seus enunciados não são neutros, mas ideológicos. Eles atualizam a imagem do Brasil Grande, isto é, de um país ordeiro e trabalhador, protagonizado por uma classe dirigente (burguesia nacional) e destinada ao desenvolvimento social, entrando, portanto, em contradição com a imagem de trabalhadores desordeiros, preguiçosos, inconformados ou que não se reconhecem naquela ficção.

Os conceitos de “dito” e “não-dito” da AD são aqui fundamentais para a análise dos enunciados do coletivo, já que a astúcia de alguns desses enunciados é não dizer explicitamente, mas delimitar um conjunto de imagens constituídas pela exclusão. Por exemplo, pode-se depreender que um sujeito fumava simplesmente baseando-se em uma afirmação de ele parou de fumar: “O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente) [...] ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2002, p. 82).

Esses não ditos, por também significarem, precisam ser explicitados na análise. Para isso, é fundamental extrair todas as ideias possíveis pressupostas ou subentendidas para, posteriormente, selecioná-las, organizá-las segundo sua formação discursiva, isto é, seu contexto e sua regularidade.

4 CORPUS DA PESQUISA

O MBL é um dos principais coletivos brasileiros criados em 2014. Liderados por jovens liberais, de orientação conversadora, usuários de redes sociais digitais, o MBL organizou manifestações e protestos de ruas em várias cidades do país entre os anos de 2015 e 2016. Com sede na cidade de São Paulo, o coletivo tem como principais líderes Renan Santos, Fernando Holiday e Kim Katagiri os quais, frequentemente, aparecem como porta-vozes do MBL em aparições públicas via *web*, em peças audiovisuais, fotografias, cartazes, camisetas e outros materiais. A repercussão desse coletivo junto a um público indiferenciado pode ser mensurada pela quantidade de visualizações e inscrições em seus canais de comunicação, a exemplo do YouTube, plataforma digital de armazenamento de arquivos

audiovisuais e *locus* em que foram extraídos os enunciados para a análise deste trabalho: são 18 mil e 529 inscritos, além de 1 milhão e 650 mil visualizações⁴. Alguns dos vídeos desse coletivo ultrapassam 40 mil visualizações, dentre eles o vídeo intitulado “01 de novembro: o vídeo que a mídia não quer mostrar”, em que são mostradas imagens dos protestos do dia primeiro de novembro de 2016, em São Paulo, e trechos do discurso do MBL na passeata, que atingiu mais de 145 mil visualizações.

Na rede social digital Facebook, o coletivo que já ultrapassou 1 milhão e 500 mil curtidas. Nessa rede, para apresentar-se aos interessados, o MBL autodescreve-se como:

[...] uma entidade sem fins lucrativos que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Defendemos a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia (MBL, 2016, s/n)⁵

O *corpus* da presente pesquisa é constituído por 68 postagens do MBL no canal de comunicação digital do YouTube, no período de 17 de outubro de 2014 a 17 de outubro de 2015. A opção desse recorte se deve à necessidade de entender as demandas ou anseios sociais desse período histórico que possibilitaram não apenas um aumento significativo de visualizações de suas peças audiovisuais mas, principalmente, uma espécie de conexão ou interesse dos vídeos por um público indiferenciado, a tal ponto desses se inscreverem em seus canais para receberem informações diárias do coletivo.

O pressuposto é de que o MBL traz, além de uma ideia de juventude, renovação, modernidade etc. uma proposta política de modificação da sociedade brasileira atual, uma outra ideia de Brasil. A opção pela escolha de enunciados verbais para os textos audiovisuais do MBL deve-se à possibilidade de constituição de uma imagem de Brasil – objeto dessa investigação – através deles. No entanto, é possível que uma análise com enunciados de outro sistema de codificação (imagem, movimento, montagem etc.), ou ainda com outras regularidades discursivas, possa complexificar ou enriquecer as inferências dessa análise.

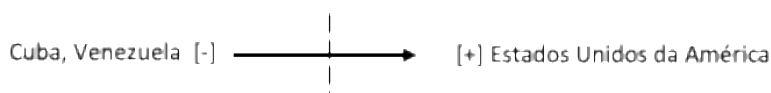
Um exame detalhado sobre os vídeos do MBL indica a recorrência de duas regularidades discursivas, ambas inscritas em dois eixos semelhantes de produção de sentido. Elas foram denominadas aqui como *Devir-EUA* e *Retorno do Macho* cuja organização e funcionamento são descritas conforme segue:

⁴ Todos os dados deste texto são referentes à coleta realizada no dia 4 de novembro de 2016 até às 23h59.

⁵ Disponível em https://www.facebook.com/pg/mbllivre/about/?ref=page_internal. Acesso em 04 nov. 2016.

5 DEVIR-EUA

Uma importante regularidade discursiva apresenta-se sob a seguinte estrutura polarizada:



Essa estrutura está organizada do seguinte modo: há um eixo de sentido orientado para a direita; esse eixo é ordenado, tal como uma escala, do polo negativo (em que figuram países como Cuba e Venezuela) ao polo positivo (figurado pelos EUA); as ações realizadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), pela presidenta Dilma Rousseff, pelo ex-presidente Lula, pelas organizações e movimentos sociais, assim como por seus simpatizantes, situam-se da mediana à esquerda desse eixo.

Chegou-se a essa estrutura – cujo mecanismo de produção de sentido é apresentado a seguir – a partir de um conjunto variado de enunciados do MBL sobre as ações dos sujeitos acima, as quais são qualificadas por um juízo de valor negativo. Eis alguns exemplos: no vídeo “Veja como funciona a mídia governista⁶”, de 15 de outubro de 2015, Renan Santos diz: “[...] cabe agora ao Congresso mostrar para todos os brasileiros que o Brasil ainda não virou uma Venezuela”. Aqui o sujeito enunciator reivindica o pedido de *impeachment* que, para ele, estaria sendo ignorado pelos parlamentares ou tendo a sua atenção desviada pela *media* jornalística em virtude de uma suspeita de corrupção do presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Em toda a sua fala, não há qualquer contexto para a emergência da palavra “Venezuela” – por exemplo, o assunto não versa sobre política externa – todavia, o uso dessa palavra, nesse contexto, torna-se útil tanto para reforçar o caráter negativo do que seria ser “uma Venezuela”, quanto para indicar que “ainda” há salvação para o Brasil diante desse possível destino.

Em outro vídeo, “MBL em Brasília⁷”, de 30 de setembro de 2015, Rubens Nunes Filho, ao lado de Fernando Holiday, diz: “[...] infelizmente a presidente da República, por motivos óbvios, motivos atrelados à Venezuela, vetou o voto impresso”. O recurso discursivo anterior é novamente empregado: a palavra “infelizmente” reitera o valor negativo atribuído àquele

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3drYGNsvWqU>. Acesso em 04 nov. 2016.

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0kzV_g6mSKs. Acesso em 04 nov. 2016.

país, e o enunciador emerge como tábua de salvação. Isso se dá pelo seguinte mecanismo: sugere-se um acordo entre os dois países que é de conhecimento público – eles empregam a expressão “motivos óbvios” – mas esse acordo, por questões estratégicas, não é (e nem será) revelado pelos enunciadores. Por um lado, dizer que o acordo entre Brasil e Venezuela é algo “óbvio” transforma um fato incerto (da ordem do boato, da especulação, da hipótese) em fato concreto, consumado, institucionalizado, reiterando o contrato de fiduciedade entre o enunciador e o enunciatário. É como se aquele dissesse: estou aqui para lembrar-vos de obviedades. Se o enunciatário esqueceu, mas não quer assumir que o fez, o contrato não apenas se mantém, como traz o enunciador para perto de si. É como se o enunciatário dissesse: como pude esquecer disso? Não posso afastar-me daquele que me lembra das obviedades. Além do sentimento de impotência, vulnerabilidade e frustração trazido pelo esquecimento, a fala do MBL produz ansiedade, obscuridade e medo no enunciatário decorrente daquele acordo que não é enunciado. O vazio, o não dito porém “óbvio”, gera um hiato que, em geral, é preenchido por fantasias das mais variadas.

O efeito de sentido que se busca nesses dois exemplos, a partir da palavra Venezuela, é carregar de conteúdo negativo as ações dos sujeitos referidos (PT, Dilma Rousseff, Lula etc.). Nos enunciados do MBL observa-se tanto a referência a esse país como um lugar violento, subdesenvolvido, ditatorial e sem liberdade, quanto um possível risco do Brasil, devido àquele suposto acordo, de se tornar um lugar semelhante.

Em outras ocasiões, palavras como Cuba, socialismo, comunismo, esquerda, entre outras são facilmente intercambiadas pelo MBL para alcançar efeito semelhante. É o que se observa, por exemplo, no vídeo “16 de dezembro”, de 9 de dezembro de 2014, em que um dos enunciadores dizem “Nós não merecemos ser parceiros subservientes de Cuba e nem de Venezuela. Nós não nascemos para isso”; ou ainda no vídeo “Jean Wyllys analfabeto político”⁸, de 15 de setembro de 2015, em que Kim Kataguiri critica o deputado federal, Jean Wyllys, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL): “Jean, entende uma coisa: não é o socialismo que não existe sem liberdade, é a liberdade que não existe no socialismo”.

Na outra ponta da estrutura polarizada, em seu polo positivo, tem-se os EUA. Na estrutura de sentido aqui analisada, os EUA funcionam não somente como eixo orientador do sentido para a totalidade das falas do MBL constituídas a partir da disposição negativa da

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jd1phLr1Nl>. Acesso em 04 nov. 2016

Venezuela/Cuba, mas como modelo estruturante de sociedade. O vídeo do dia 7 de outubro de 2015, intitulado “Renan Santos sobre as instituições de nossa república”⁹, é explícito nesse sentido.

O combate a um partido que trabalha de forma sistemática para destruir e desmoralizar as instituições seja comprando parlamentares, seja aparelhando desde empresas estatais a órgãos, ministérios, autarquias e em todas as instâncias. A derrota desse sistema, a derrota desse partido, através justamente das instituições, é o que vai nos fortalecer, é o que nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente, nos tornar uma república e uma democracia séria, tal qual os Estados Unidos da América.

O efeito de sentido negativo sobre os enunciados PT, Lula, Dilma, Venezuela, Cuba, socialismo, comunismo etc. ganham intensidade quando contrapostos a outros significantes de valor positivo. É aí que entra os EUA. Por um lado, esses funcionam como modelo almejado ao Brasil (“uma república e uma democracia séria”), de cidadãos “decentes”; por outro lado, como enunciado que qualificará positivamente todos os outros enunciados.

O vídeo do dia 20 de agosto de 2015, intitulado “como uma estrangeira vê as manifestações no Brasil”¹⁰ apresenta essa função qualificadora. O vídeo começa apresentando as credenciais do sujeito enunciativo: “Olá, meu nome é Ollin. Eu estudo ciência política na Suíça. E eu acabei de voltar de dois meses de estudos em Harvard. Eu venho de um ambiente completamente diferente. E o que eu estou vivenciando aqui é completamente insano para mim [...]”. Mais do que explicitar aquela estrutura dicotômica (ao afirmar que ela “vem de um ambiente completamente diferente”) e reiterar o polo negativo (ao dizer que está vivenciando no Brasil é algo “completamente insano”), o MBL faz questão de destacar o fato dela ter estudado em Harvard (localizada nos EUA), como se essa informação fosse decisiva para a credibilidade do enunciativo.

Se a mesma fala fosse enunciada por uma estudante que estagiou dois meses em Caracas ou em Havana, que possui traços negros ou indígenas, o efeito de sentido seria outro, pois, na formação discursiva do MBL, ou essa fala pareceria deslocada ou contraditória em relação a sua regularidade discursiva.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTprcYaPCwo>. Acesso em 04 nov. 2016.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dnCa6UkN23c>. Acesso em 04 nov. 2016.

6 RETORNO DO MACHO

Outra importante regularidade discursiva do MBL é o protagonismo do homem na política e, correlativamente, o lugar objetificado da mulher.

O vídeo “Chico Buarque apoia Dilma 45”¹¹, de 17 de outubro de 2014, é uma sátira de uma peça audiovisual pró-Dilma publicizada no ano eleitoral de 2014 em que músico Chico Buarque de Holanda declara o seu voto à então candidata. Nesse vídeo satírico, o MBL dubla a voz do músico e, ao final, confunde a audiência substituindo o número eleitoral de Dilma (13) pelo 45, do partido rival.

Eu voto na Dilma porque dá dinheiro para os amigos, confio nela, um robô, sobretudo, que não sabe completar uma frase, e que desmaia quando apanha no debate. Eu voto nela porque com ela eu tenho a certeza as minhas verbas da Lei Rouanet serão mantidas, aprimoradas, aprofundadas. Dilma, você compra o que a gente pensa. Você rouba e a gente defende. Em 2010 eu votei na Dilma, porque eu sou uma putinha do Lula, este ano voto na Dilma porque ela fode tua roda viva.

O sentido do enunciado acima somente ganha significação em um contexto ideológico que pensa a mulher ora como objeto (ou seja, destituída de autonomia, destreza, capacidade deliberativa e subjetividade), ora como objeto sexual.

Como objeto, o enunciado não apenas reitera tal imagem da mulher como constrói seu sentido através dela. Ao descrever Dilma como “um robô que não sabe completar uma frase”, que “dá dinheiro para os amigos”, que “compra” o que os outros pensam e que não tem capacidade de se defender, o MBL faz emergir a figura estereotipada da mulher enquanto entidade interesseira, esbanjadora, ingênua, fútil e dissimulada, incapaz de outro ato, senão o desmaio, para se esquivar das responsabilidades ou das virtudes de alguém que está em uma posição que não lhe cabe.

Como objeto sexual, ao afirmar que “ela fode a tua roda vida”, ou que Chico (que apoia Dilma) é “uma putinha do Lula”, o MBL sustenta a sua sátira com o amparo ideológico que concebe a mulher como mero instrumento de prazer. A canção de Chico, denominada Roda Viva, é incorporada ao enunciado do MBL apenas para fazer referência a um orifício corporal utilizado para a busca de prazer. Não há conexão lógica para que essa canção seja utilizada nesse enunciado senão em função dessa intencionalidade. Não entram nesse enunciado qualquer outra das muitas canções de Chico (igualmente famosas), pois, se o fizesse, o sentido perderia a sua intensidade. Da mesma forma, o enunciado “sou uma

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVsYDQmDDyg>. Acesso em 04 nov. 2016.

putinha de Lula”, além de reiterar a incapacidade política da mulher – em conformidade à ideia difundida pelo coletivo de que Dilma é herdeira ou marionete de Lula –, sustenta a fantasia masculina de submissão e posse do corpo feminino, presente na formação discursiva do MBL.

É possível, nesse caso, afirmar uma estrutura de sentido polarizada semelhante àquela descrita anteriormente (Venezuela/Cuba vs. EUA). Porém, tal estrutura organiza-se sobre um polo negativo, representado pela figura feminina (Dilma), que se orienta para um polo positivo, representado por figuras masculinas (Chico Buarque e Lula).

Tal estrutura pode ser evidenciada pelos enunciados “você compra o que a gente pensa, você rouba a e a gente defende”. “Você”, no caso a Dilma, é comandada por um “a gente”, no caso as figuras masculinas (Chico Buarque e Lula).

Outros enunciados, como o vídeo “06 de dezembro”¹², de 9 de dezembro de 2014, explicitam não apenas a organização polar dessa estrutura como o faz orientando o sentido de seu eixo, ou seja, positivando a figura masculina em detrimento da feminina.

[...] nunca, nunca antes nossos parlamentares de Brasília agiram da forma como eles estão agindo. Eles estão agindo com o coração, porque nós, no dia 1 e no dia 15, o pessoal da vem pra rua antes, nós obrigamos os nossos parlamentares a agirem como homens. Agora eles estão agindo como homens.

O enunciado acima refere-se às atividades realizadas pelo MBL no ano de 2014; ele apresenta ao enunciatário duas situações distintas: a primeira sem o MBL, os políticos estão agindo com o coração, não sendo homens, ou ainda, não possuindo coragem. Tal situação refere-se ao governo Dilma. A segunda situação, essa mais atual, com a presença do MBL e de outro coletivo (como o Vem pra Rua), “agora eles [os políticos] estão agindo como homens”.

Atributos políticos importantes como coragem, honestidade e razão são desvinculados da forma feminina. Pressupõe-se aí um governo anterior afeminado, uma situação que, do ponto de vista do MBL, é inaceitável mas que está prestes a mudar: “nunca, nunca antes nossos parlamentares de Brasília agiram da forma como eles estão agindo...”.

A situação de um governo feminino – situação que o MBL quer transformar – parece perdurar mais que o necessário. No vídeo “Bases jurídicas para o impeachment”¹³, eles

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0fpilhZZec>. Acesso em 04 nov. 2016.

afirmam: “Dilma Rousseff é a presidente mais impopular da história do Brasil”. Nesse enunciado transparece a ideia de que houve outras mulheres na presidência da República antes de Dilma, um argumento que, assim como os “motivos óbvios atrelados à Venezuela”, o MBL não irá explicitar, mas construir no imaginário político, através de uma boa gestão do medo e da ansiedade, uma imagem de Brasil por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo francês, Gilles Deleuze (1992, p. 214), definiu devir como figura política minoritária, um movimento sem forma ou conteúdo que coexiste às atividades humanas, que as orienta, mas também as endereça. Ao lado da minoria há a maioria entendida não como quantidade, mas como modelo, forma ou disposição. A expressão contemporânea da maioria, diz Deleuze, é a do “europeu médio adulto macho habitante das cidades”.

Embora o MBL se apresente como minoria, exceção, ponto fora da curva da política contemporânea (denunciada por eles como corrupta, ineficiente, afeminada etc.), sua composição pouco se parece com o devir ou com a minoria deleuzeana. E isso não porque traz uma substância pré-definida ou porque, supostamente, engaja ampla audiência em suas falas, mas pelo fato de reproduzirem uma discursividade já pronta, ou seja, uma posição de fala consolidada, um contexto ideológico e uma estrutura de sentido hegemônicas.

Sem questionar ou romper com a discursividade vigente, tal como o nacionalismo, o MBL, ao contrário, reafirma-o a seu favor. Sobre essa camada ideológica, ele busca um efeito de sentido – qual seja, o apagamento das diferenças culturais, classistas, religiosas etc. – submetendo seus enunciatórios à sua batuta. Os vídeos “Dia 27 de maio, o início de uma nova era”¹⁴, de 18 de maio de 2015, e “Fernando Holiday discursando no protocolo do pedido unificado de impeachment”¹⁵, de 17 de setembro de 2015, trabalham semelhantemente esses efeitos:

[...] gostaria de dizer ao senhor que quando analisar esse pedido de impeachment tenha em mente que milhões de brasileiros, ricos ou pobres, brancos ou negros, gays ou héteros, estão certos de que este pedido será o começo do maior livramento da maior praga que este país já viu.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIN-KW4NFXy>. Acesso em 04 nov. 2016.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-jlpOJYymEQ>. Acesso em 04 nov. 2016.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xsZTgYJGVN0>. Acesso em 04 nov. 2016.

No vídeo acima, o *impeachment* constitui o pressuposto para a constituição de uma comunidade imaginária do MBL ao unificar (e, portanto, apagar) as diferenças a partir das determinações negativas de sua formação discursiva (PT, Dilma, Lula, socialismo, comunismo, Venezuela, Cuba).

No segundo vídeo, essa comunidade imaginada é celebrada como em um ritual a fim de demarcar, através da repetição da estrutura polar assimétrica, os valores e a ficção narrativa assumida.

[...] a história haverá de cobrar dos senhores o esconderijo que procuraram no momento mais crucial para nos libertarmos da maior praga deste país que foi o Partido dos Trabalhadores, mas eu tenho fé e acredito que o povo não desistirá e também tenho fé que muitos outros deputados e senadores perceberão que o povo quer o fim do governo Dilma e assumirão de vez o lado do povo, o lado do Brasil, e não o lado do PT.

Como observou Chauí em seu estudo sobre o nacionalismo brasileiro, é possível identificar elementos narrativos de proveniência cristã em coletivos ufanistas, uma regularidade discursiva que estrutura um sistema de significação. No caso do MBL, essa narrativa comparece no delineamento messiânico e voluntarista de seus enunciadores para o ordenamento do rebanho, ou seja, sua disposição enquanto protagonista ou liderança necessária para a emergência de um novo país: “Das ruínas surgirá um novo país, governado pelo povo e que respeite as liberdades individuais”.

Que novo país é esse?

Como as regularidades discursivas aqui analisadas sugerem, trata-se de um sistema social organizado a partir de um gênero (masculino) e que tem os EUA como modelo ou forma ideal. A ideia de maioria descrita por Deleuze ajusta-se a essa imagem de Brasil imaginada pelo MBL se por “europeu médio adulto” entende-se o conjunto dos cidadãos classe média, de cor branca, refém de um modelo único de civilidade; se, por “macho habitante das cidades” reconhece-se a incapacidade de pensar (e aceitar) outros modos de organização social além daquele imposto pela força física ou militar.

Neste trabalho, ao perscrutar a imagem de Brasil imaginada pelo MBL, buscou-se, a partir de um recurso da AD, sair da superficialidade de seus textos (anti-PT, anti-Dilma e Lula, etc.) para atingir suas estruturas profundas, seus mecanismos de produção de sentido. A imagem de Brasil acima descrita é fruto de uma operação metodológica para tornar visível

os valores, as figuras, as fantasias do MBL a partir de um contexto ideológico e suas estruturas de sentido.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- CHAUÍ, M. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HOBBSAWN, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Ponte editores, 2002.
- SCARTEZINI, N. A fascistização da indignação: as manifestações de 2015 no Brasil. **Cadernos de campo**: revista de ciências sociais, Marília, n. 20, p. 183-206, 2016.
- THE 30 MOST influential teens of 2015. Time, New York, 27 Oct. 2015. Disponível em: <<http://time.com/4081618/most-influential-teens-2015/?iid=-sr-link1>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

Brazil by Movimento Brasil Livre: images from an imagined community

ABSTRACT

The present article intends to reconstruct an image of Brazil starting from a discourse analysis of Movimento Brasil Livre (MBL). To do so, a set of videos of this collective published in its first year of existence on YouTube are investigated. The work is supported by the theoretical and conceptual contributions of Benedict Anderson (imagined communities) and Eric Hobsbawn (nation and nationalism), as well as the methodological tools for discourse analysis proposed by Eni Orlandi. After the survey and the systematization of statements of this collective, two discursive regularities (*to go* – USA and male return) are presented and, articulated, produce a meaning that is an ideal image of Brazil.

Keywords: Nationalism. Digital Social Networks. Discourse Analysis.

Brasil a partir del Movimento Brasil Livre: imágenes de una comunidad imaginada

RESUMEN

El presente texto busca reconstruir una imagen de Brasil a partir de un Análisis de Discurso (AD) del Movimento Brasil Livre (MBL). Para eso, se investigan un conjunto de vídeos de ese colectivo publicados en su primer año de existencia en YouTube. El trabajo es amparado por

los aportes teóricos y conceptuales de Benedict Anderson (comunidades imaginadas) y Eric Hobsbawn (nación y nacionalismo), además de las herramientas metodológicas para la AD propuestas por Eni Orlandi. Después del levantamiento y la sistematización de enunciados de ese colectivo, se presentan dos regularidades discursivas (devir-EEUU y retorno del macho) que, articuladas, producen un sentido, es decir, una imagen ideal de Brasil.

Palabras clave: Nacionalismo. Redes Sociales Digitales. Análisis de Discurso.

Recebido em: 25/06/2017

Aceito em: 27/06/2018